

“CASOU AGORA AGUENTA”: MARCAS SIMBÓLICAS DA IGREJA CATÓLICA NA VIDA DE MULHERES

“MARRIED NOW TAKE IT”: SYMBOLIC MARKS OF THE CATHOLIC CHURCH IN WOMEN'S LIVES

Cíntia Assis Rios^{1*} , Dolores Setuval Assaritti² , Flávia Silva de Souza³ 

¹*Autora para correspondência. Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal Baiano, *Campus* Santa Inês, pós-graduanda em Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação de Educadora(es) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pesquisadora do Núcleo de Gênero e Sexualidade do IF Baiano (GENI), pesquisa sobre Geografia da Religião. E-mail: rios28assis@gmail.com.

²Docente do Instituto Federal Baiano – *Campus* Santa Inês, graduada em Educação Física pela (Unicamp/Campinas - 2011), mestra em Educação pela (Unicamp/Campinas – 2015), coordenadora do Núcleo de Gênero e Sexualidade do IF Baiano (GENI), pesquisadora do Grupo de Estudos em Questões Agrárias (NEQA/CNPq).

³Licenciada, Bacharel, Mestre em Geografia e com Doutorado em andamento em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Docente do Ensino médio e do curso de Geografia no Instituto Federal Baiano *Campus* Santa Inês-BA. Pesquisa sobre as relações cotidianas no Lugar, pautados na fenomenologia e na Geografia Humanista.

Recebido: 12/09/2023 - Revisado: 30/11/2023 - Aceito: 17/12/2023 - Publicado: 29/12/2023

RESUMO: “Casou agora aguenta: marcas simbólicas da igreja católica na vida de mulheres” apresenta a trajetória de mulheres envoltas em um cenário de submissão, devoção e fé. Por meio da narrativa de minhas experiências no campo religioso, da trajetória de minhas avós e de três mulheres participantes da pesquisa, busquei refletir sobre o papel que a Igreja Católica, como instituição religiosa, desempenha na vida das mulheres que procuram a fé como refúgio, auxílio e proteção. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo aliada à pesquisa narrativa que utilizou como instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada, conversas informais com as mulheres envolvidas, fotografias e ilustrações. Seguindo os caminhos de uma Geografia aberta e plural este trabalho se aproxima, então, das discussões da Geografia da Religião, a partir da interpretação do sagrado, no contexto da vivência, da percepção e do simbolismo. A pesquisa aponta para a omissão da igreja em debater sobre a desigualdade de gênero que permeia a sociedade, além de evidenciar que a participação das mulheres entrevistadas nas dinâmicas da igreja católica não fez com que as mesmas rompessem com os ciclos de violência e submissão.

Palavras-chave: Narrativas; Experiências; Memórias; Mulheres Religiosas; Geografia da Religião.

ABSTRACT: "Married, now Hold on: Symbolic Marks of the Catholic Church in Women's Lives" presents the journey of women immersed in a submission, devotion, and faith scenario. Through the narrative of my experiences in the religious field, my grandmother's path, and three other women participants in the research, I sought to reflect on the role that the Catholic Church, as a religious institution, plays in the lives of women who seek faith as refuge, aid, and protection. This is a qualitative research combined with narrative research that used the following data collection instruments: semi-structured interviews, informal conversations with the involved women, photos, and illustrations. Following the paths of an open and plural Geography, this work approaches the discussions of the Geography of Religion, based on the interpretation of the sacred within the context of experience,

perception, and symbolism. The research points to the Church's omission in discussing the gender inequality rooted in society, as well as highlighting that the participation of the interviewed women in the dynamics of the Catholic Church did not lead them to break free from cycles of violence and submission.

Keywords: Narratives; Experiences; Memories; Religious Women; Geography of Religion.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do grau de licenciada em Geografia apresentado ao Instituto Federal Baiano *campus* Santa Inês, em treze de maio de 2022. Minha intenção foi investigar e apresentar, em forma de narrativa, a minha trajetória de vida no âmbito religioso sob a influência das minhas avós e pesquisar sobre a vida de mulheres católicas casadas que buscam na fé a solução dos seus problemas conjugais. No exercício de resgatar da memória a minha inserção no universo religioso, narro a história das minhas avós, as quais me apresentaram o espaço sagrado. Em "Casou agora aguenta: marcas simbólicas da igreja católica na vida de mulheres", busquei através da trajetória de minhas avós – repleta de símbolos relacionados à dominação, negação, submissão, dor, amargura, devoção e fé – refletir sobre o papel que a Igreja Católica, como instituição religiosa, desempenha na vida das mulheres que a procuram como refúgio, auxílio e proteção. Nestes termos, questiono-me como se dá a influência exercida pela igreja católica na vida das mulheres cristãs?

A religião católica perpetua-se como detentora do poder simbólico e, em alguns contextos, dificulta a percepção da violência incrustada no discurso e nas práticas dessa instituição, sobretudo em relação às mulheres. Ainda assim, relacionar elementos de uma violência simbólica com a religião católica é complexo, pois comumente os espaços religiosos são tratados a partir da fé, da devoção, da caridade e da serenidade (Nunes e Citeli, 2020). Ainda, segundo as autoras, está havendo no Brasil uma ascensão de pessoas religiosas, pregando o conservadorismo moral, tornando mais forte a desigualdade de gênero. Essa forma de atuação da instituição religiosa reforça a desvalorização da mulher, dando margem e poder para continuação da dominância masculina sob as mulheres, além de contribuir para limitação do exercício da cidadania e dos direitos humanos.



Mesmo diante desse cenário, segundo Krob (2014), muitas mulheres buscam acalanto para as relações de violência matrimonial por meio da religião, na tentativa de chegar aos motivos pelos quais são submetidas a diversas violências praticadas pelos companheiros, que antes juravam amá-las e respeitá-las, mas agora as agrirem, maltratam física e emocionalmente. Como essas mulheres são ouvidas e orientadas pelos/as líderes das igrejas católicas ao buscar na religião soluções para a transformação dos companheiros?

No âmbito da pesquisa parti da hipótese de que essas mulheres, na maioria dos casos, não são acolhidas efetivamente pela igreja. Essa afirmativa se baseia na retomada da minha trajetória e da história de vida das minhas avós. Porém, para responder às questões orientadoras da pesquisa, busquei ouvir outras mulheres religiosas a fim de compreender suas trajetórias no contexto da igreja católica e como a dimensão desse tema atinge as suas vidas.

Ao refletir sobre a religião e buscar outros estudos sobre o assunto para embasar minha ideia, encontrei na Geografia, possibilidades para seguir a minha pesquisa. É sabido que durante muito tempo a temática da religião foi negligenciada pela ciência geográfica, tendo havido alguns poucos estudos de geógrafos franceses, a exemplo de Paul Claval (1992). No Brasil, destacam-se os estudos preliminares de pesquisadores e pesquisadoras do Sudeste, a exemplo de França, na década de 1970 que analisou os fluxos de peregrinos devotos do Bom Jesus da Cana Verde. Outro exemplo é de Gouveia (1993), com a abordagem geográfica do pentecostalismo em São Paulo e os trabalhos de Rosendahl (1996) que, inicialmente, analisou a peregrinação do catolicismo e a partir daí avançou na elaboração de conceitos e na abertura de uma agenda de pesquisa para o tema da religião na Geografia (Santos, 2002). Em seus estudos acerca da Geografia da religião, a autora apresenta análises dentre as quais destaco aquela que abre, para mim, possibilidades para conduzir a narrativa aqui proposta. Para Rosendahl,

As reflexões interpretativas das diferentes sociedades em suas complexas ligações da religião com as outras dimensões da vida têm atualmente como tema a importância do sagrado e sua espacialidade. A teoria resultante tem sua expressão máxima no conjunto de quatro temas nos quais a espacialidade da religião é posta em evidência e submetida à análise, a saber, (a) fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência; (b) centros de convergência religiosa e irradiação; (c) religião, território e territorialidade; e **(d) espaço e lugar sagrado: vivência, percepção e simbolismo**. Esse conjunto de temas, que em si constituem parte do temário da geografia humana, pode e deve ser



introduzido na geografia da religião. As pesquisas encaminhadas nessas temáticas, no século XXI, estimulam análises sistemáticas e comparativas entre as diversas religiões e suas respectivas dimensões espaciais. Esses estudos visam tanto a encontrar analogias como a formular princípios na /da diversidade religiosa no espaço (ROSENDAHL, 2012, p. 27. Grifos nossos).

A autora sinaliza a importância de estudar as religiões associando-as a outras dimensões da vida. Logo, ao pensar a minha pesquisa, considero que há uma íntima relação com interpretar o sagrado, a partir da dimensão do Lugar, enquanto possibilidade de vivência, percepção e simbolismo. Trazer a perspectiva do Lugar para minha pesquisa é fundamental, já que parto de trajetórias, de experiências e de uma relação próxima entre as pessoas e os seus anseios, seja com a igreja, seja com a sua terra de origem ou com outro município. Diante disso, essa pesquisa está inserida no âmbito da Geografia da Religião e foi construída a partir de uma abordagem sensível, poética e crítica, pois, a Geografia permite esse caminhar, além de possibilitar trocas de saberes com outras áreas do conhecimento, elemento fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

METODOLOGIA

A narrativa foi escolhida como gênero do discurso, por entender que a sutileza dos detalhes ao narrar propicia a imersão em um texto sensível que remete à nossa história, as nossas memórias, às identidades, aos desejos e ao vivido por mim, pesquisadora, pelas minhas avós e pelas mulheres desta pesquisa. Conforme bem apontou Assaritti (2015), "construir manualmente o texto, moldá-lo como uma obra de arte, não é só uma forma artesanal de comunicação, mas também de fazer pesquisa, de fazer ciência" (ASSARITTI, 2015, p. 37). Logo, os caminhos da pesquisa foram conduzidos desde o primeiro pensar sobre o tema, com a identificação da narrativa como método. A entrevista-semiestruturada, foi adotada como um importante procedimento metodológico, por ser considerada, segundo Triviños (1987), um dos principais meios para coleta de informações na pesquisa qualitativa. Esse método caracteriza-se por partir de interrogativas iniciais estabelecidas em um roteiro de entrevista flexível, a qual relaciona as temáticas sensíveis que envolvem o estudo em questão. Para além disso, por se tratar de um roteiro mais flexível, foi



possível estabelecer muitos diálogos durante as entrevistas por já existirem relações próximas entre as partes.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, primeiro entrevistei pessoas do meu núcleo familiar, meus pais e duas tias, e no segundo momento, entrevistei três mulheres religiosas, sem vínculo familiar. Apresento a seguir, a caracterização das três mulheres entrevistadas com algumas aproximações em suas histórias de vida. Em virtude da delicadeza do tema optei por utilizar nomes fictícios para representar as entrevistadas externas à minha família. **Maria** é uma mulher que se autodeclara branca, é casada, bacharel em ciências contábeis, a sua religião é Católica Apostólica Romana. **Paula** é uma mulher que se autodeclara parda, casada, professora, a sua religião é Católica Apostólica Romana, antes de atuar como professora, foi lavradora assim como os seus pais. **Leila** autodeclara-se parda, é divorciada, possui segundo grau completo, sua religião é Católica Apostólica Romana e atua como trabalhadora autônoma. Todas as entrevistadas são moradoras da Zona Rural de Ubaíra-BA, povoado de Jenipapo localizado no Vale do Jiquiriçá¹ (figura 01).

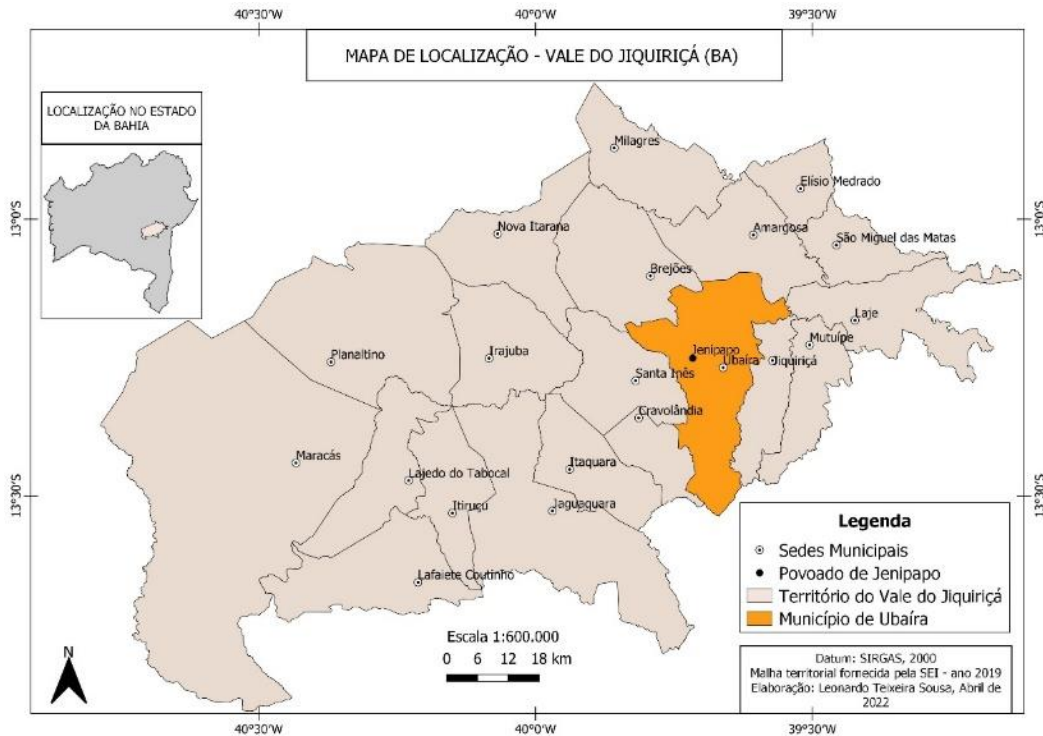
Algumas das entrevistadas lideraram coordenações da igreja, a exemplo dos conselhos da igreja, do Ministério da palavra, da Pastoral da Criança e das Cáritas. As demais pessoas entrevistadas foram do meu núcleo familiar, por se tratar de uma pesquisa/narrativa envolvendo a história das minhas avós, logo, busquei resgatar da minha memória e da memória dos (as) entrevistados (as), detalhes das vivências que compuseram a trajetória das minhas avós. Desse modo, apresento agora as personagens principais dessa narrativa. Minha avó **Emília Carneiro Rios**, conhecida como dona **Morena**, segundo informações obtidas em entrevista com painho, **Antônio Carneiro Rios**, nasceu em 05 de maio de 1939, na zona rural de Mairi-BA, em uma localidade denominada de Baixa Funda (figura 02), faleceu em 19 de novembro de 1997. Vó Morena nasceu de parto natural com o auxílio de parteiras e teve dez filhos, todos foram de parto natural. Meu avô, **José de Oliveira Rios**, nascido dia 17 de abril de 1934,

¹ O Território de Identidade Vale do Jiquiriçá é composto por 20 municípios baianos, são eles: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra.



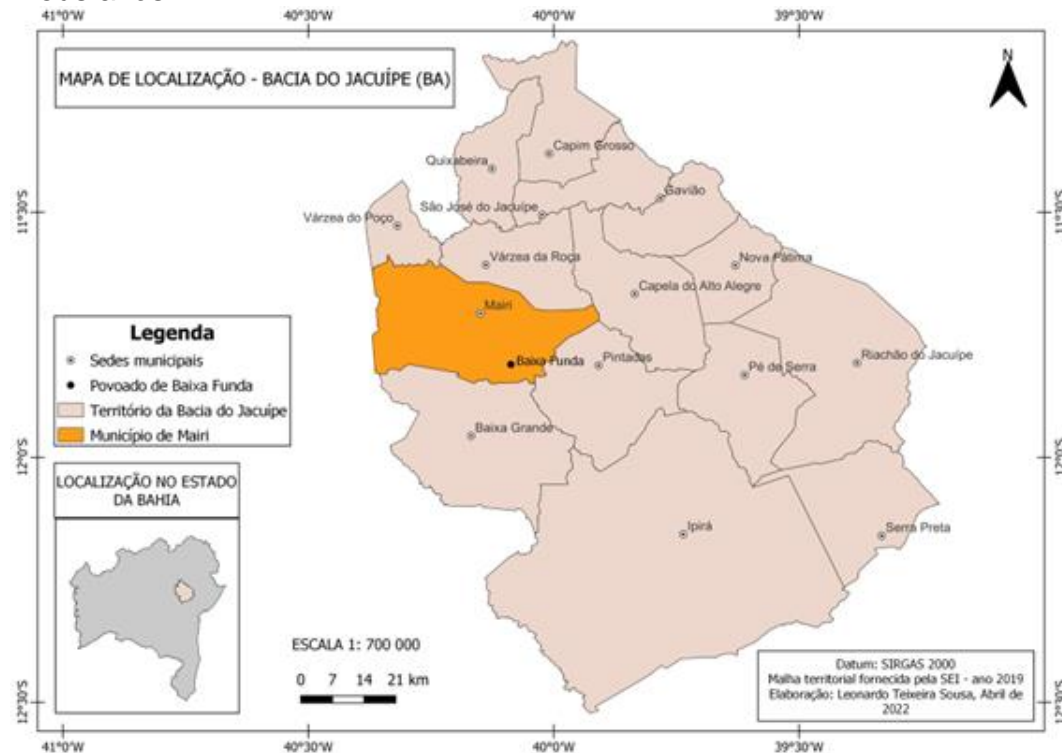
falecido em 11 de dezembro de 2016, apelidado de **Cazuza**, era órfão de mãe e pai, sua mãe morreu de parto, foi criado por uma tia chamada Maria.

Figura 01. Jenipapo Zona Rural de Ubaíra-BA, local onde residem as entrevistadas.



Fonte: SOUSA, L., 2022.

Figura 02: Baixa Funda Zona Rural de Mairi-Ba, Comunidade de origem dos meus avós.



Fonte: SOUSA, L., 2022.



Sobre meus avós maternos, minha mãe **Ângela Maria de Jesus Rios** relatou na entrevista que ambos eram naturais de Mairi, toda vivência deles foi na zona rural, também na localidade de Baixa Funda. Minha avó, **Maria José Palmeira de Jesus**, atendia carinhosamente por **Vovó Chôcha**, nasceu em 07 de janeiro de 1945 e faleceu em 01 de janeiro de 2001. Além dos afazeres domésticos e de cuidar dos filhos, trabalhava na roça, fazia doce para vender, catava licuri, quebrava o licuri para "vender no kilo" e vendia nas festas de santo realizadas todos os anos na comunidade. Meu avô materno, **Jacinto Silva de Assis**, conhecido como seu **Zinza**, nasceu em 03 de junho de 1942 e faleceu em 30 de março de 2022, não era religioso, só participava da festa do santo de vovó na parte do "cantar dos reis" e do samba de roda (figura 03).

Figura 03. Registro da participação de vovó Chôcha e vovô Zinza na manifestação cultural religiosa.



Fonte: O AUTOR.

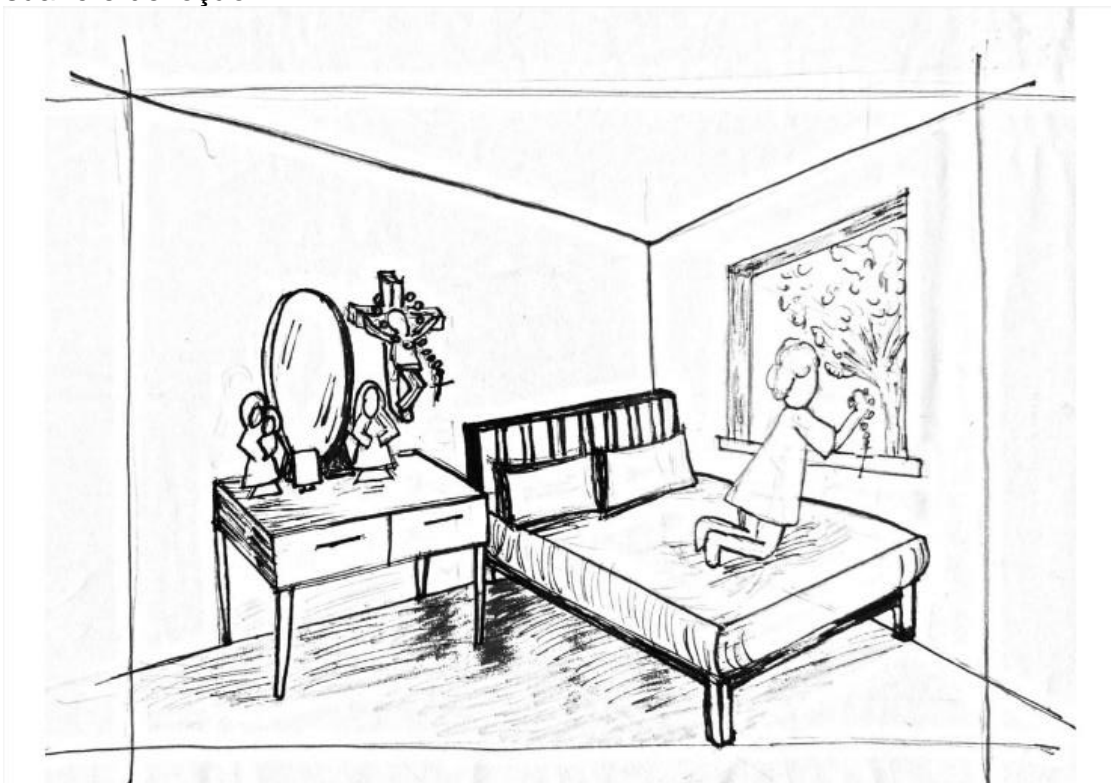
DISCUSSÃO

Fecho os olhos e imagino o quarto de vovó Morena. Lá havia uma penteadeira de madeira bem desgastada com um espelho redondo no meio e duas gavetas nas extremidades. Em cima da peça havia imagens de Santo Antônio, de Santa Rita, um quadro do Sagrado Coração de Jesus e um terço



imenso pendurado em uma cruz de madeira com a escultura de Jesus crucificado. Do lado oposto ao da penteadeira tinha um pequeno guarda-roupas de madeira e na outra parede havia uma cama do lado de uma janela onde minha avó passava horas ajoelhada em cima da cama, debruçada na janela enquanto meu avô dormia. Vovó ficava olhando o céu com o terço na mão e rezava, incessantemente, implorando por dias melhores e sempre em suas orações pedia chuva para molhar as terras sofridas do sertão (figura 04).

Figura 04. Representação do quarto de vovó Morena: local onde ela manifestava sua fé e devoção.



Elaboração: SOUZA, J., 2022.

As lembranças que guardo da infância são mais vivas e marcantes com a presença de vovó Morena por ter sido com ela a minha maior convivência enquanto criança. Minha vó era uma mulher adorável! Muito alegre e bondosa. A religiosidade sempre fez parte da sua caminhada. Nessa época não tinha rede elétrica, a iluminação era através de candeeiro, vela e lampião. Lembro-me de ver minha avó aos domingos ouvindo a missa no “radinho” de pilha ajoelhada com o terço na mão, quando via essa imagem, tinha comigo, que vovó era uma santa. Neste momento, a minha narrativa se junta com a da entrevistada Leila,



já que a vó dela também foi a influência para sua inserção na igreja. Leila nos diz,

Vó levava a gente para a igreja, né, sempre tinha as missas, minha vó materna. A minha avó paterna eu não tive muita convivência assim não. A materna né, que foi a que me criou, ela que levava a gente assim para a igreja, pra rezar, né, dentro da casa de vó rezava para Santo Antônio (Leila, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Morávamos todos (as) na zona rural de Mairi-BA, denominada hoje de Comunidade Baixa Funda. O Mairi da minha memória é de um lugar marcado por lutas pela sobrevivência, não era fácil, mas a resistência era o que tínhamos como principal marca. Buscávamos na fé, inspirados na resistência do mandacaru, a força para nos mantermos firmes, nos adaptando a seca, sem perder a beleza do florescer de nossos corações. Sou filha dessa terra, de lá nasci e vivi até meus quatorze anos. Sou filha do sertão, sou filha de Mairi.

Me recordo de ouvir meu avô falando que minha vó ia ficar doida de tanto rezar, dizia que ela era maluca e nervosa. Quando vovó tinha crise de choro meu avô resmungava: "deixa de ser maluca, mulher!"; "vai começar a loucura de novo?" Daí descobri a razão pela qual vovó rezava tanto. Comecei a entender frases que antes não faziam sentido para mim, pois nos muitos momentos de orações de vovó, ela pedia a Deus que: "tocasse no coração de meu avô"; "um dia eu saio desse lugar com fé em Deus"; "Deus é fiel e vai ouvir meus pedidos" essas coisas foram fazendo sentido conforme fui crescendo.

A forma de agir do meu avô e as angústias de minha avó, assim como as minhas, me fizeram refletir sobre a questão do patriarcado, tão presente e pujante em nossa sociedade. Para Lerner "o pensamento patriarcal é construído de tal modo em nossos processos mentais, que não podemos excluí-lo se não tomarmos consciência dele, o que sempre significa um grande esforço" (LERNER, 2019, p. 65). Para além da consciência do pensamento patriarcal reproduzido pelas mulheres, a autora aponta a importância de entendermos nossa história. Segundo ela, no passado mais recente, as histórias eram registradas e contadas por homens, e o que registravam era o que os homens faziam de modo significativo. Isso era chamado de história universal. Na trajetória dos meus avós, vovó Morena, foi submetida a uma vida que não era a que ela almejava para si, mas vivia, pela família, pelo marido e pela fé, ou seja,



as marcas simbólicas que permeiam vida de mulheres e são também resultantes da influência da igreja católica.

O tempo foi passando, fui crescendo e percebendo coisas que antes não notava e descobri que vovó Morena odiava morar em Mairi e tinha muita vontade de ir embora para Feira de Santana-BA, lugar onde seus pais e irmãos moravam. Os sentimentos expressos por vovó Morena se inserem na reflexão dialética das ideias de topofilia e topofobia, referenciada aqui a partir de Relph (1979). Havia nas suas expressões e nas suas orações um sentimento topofílico por Mairi-BA, em especial, quando desejava a chuva e quando apresentava os seus contos, mas o desejo de ir para Feira de Santana, provocava repulsa sobre Mairi e surgiam os sentimentos topofóbicos, pois havia muita tristeza em seu olhar, quando se dava conta que ia permanecer em Mairi-BA.

Esse sentimento de desagrado de vovó permaneceu durante sua vida toda, meu avô nunca aceitou a ideia de sair de Mairi para morar em Feira de Santana. Ele realizou o tão esperado desejo de vovó após sua morte enterrando-a em Feira de Santana. Houve uma confusão no meio do velório envolvendo meu avô e meus tios, eu não entendia muito bem o que estava acontecendo, só me recordo de ver e ouvir meus tios indignados dizendo que meu avô estava falando em pleno velório de se casar novamente. E assim aconteceu, com menos de três meses da morte de vovó, meu avô estava com uma companheira nova, saiu da zona rural e foi morar na cidade de Mairi, tudo o que ele não fez enquanto vivia com vovó, fez após a morte dela. Hoje com a maturidade e experiência de vida e, principalmente, com o meu processo formativo, tenho absoluta clareza e dimensão do sofrimento que minha avó passou. Aqui, concordo com Tuan (2013) quando explica que:

[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência, o que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 2013, p.18).

Para a entrevistada Leila, se reconhecer como uma pessoa guerreira, depois de passar por muitas situações difíceis e desafiadoras, só pode ser resultado do seu aprendizado, do avançar da sua experiência de vida. E assim, ela se descreve



[...] eu me descrevo assim, como uma pessoa que enfrentou os desafios, né, que a vida teve para oferecer, de tudo, né, e que no decorrer disso, hoje eu me sinto uma pessoa, uma guerreira, né, pelas etapas que eu passei, pelo o que eu vivi e o que eu aprendi. (Leila, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Os desafios a que Leila se refere estão vinculados a uma trajetória de vida de muitas carências. Para Leila e para todas nós, o fato de ser mulher em uma sociedade construída pelo patriarcado é andar na contramão da liberdade. É muito difícil lutar contra um modelo de sociedade que trabalha na perspectiva de anular a vida das mulheres, excluindo-as de direitos e anseios. Para Lerner,

Há milênios, as mulheres participam do processo da própria subordinação por serem psicologicamente moldadas de modo a internalizar a ideia da própria inferioridade. A falta de consciência da própria história de luta e conquista é uma das principais formas de manter as mulheres subordinadas. (LERNER, 2019, p. 268).

Lembrando rapidamente da história de vovó Morena, só havia um método recorrido por ela para amenizar o sofrimento: o compromisso diário das orações, as inúmeras promessas e a busca pelo perdão em troca da obediência, aceitação piedosa ao castigo acometido a ela. Muitas vezes a procura por conselhos e direcionamentos dos (as) líderes religiosos (as) coloca o sofrimento das mulheres na escala da crucificação de Jesus. Ao cometerem essa imensa crueldade com as mulheres, o que resta é o conformismo, a submissão e obediência total, pois se Jesus, filho de Deus, suportou tamanho sofrimento, por maior que seja a dor da mulher, não se compara ao sofrimento de Jesus. Lembro perfeitamente desse conformismo que levava à submissão de vovó ao meu avô e à Deus. Ela estava sempre se assemelhando ao sofrimento de Jesus como ato de resistir e aceitar sua cruz.

afirmação de que o sacrifício é o caminho para a salvação, o discurso da "vontade de Deus" para justificar e legitimar determinadas práticas e atitudes é outro fator que tanto contribui para manter as mulheres submetidas à agressão e à naturalização da violência e sua reprodução (NUNES; CITELI, 2010, p. 7).

Essa submissão se dá em diversas escalas perpassando gerações, quando pensada no tempo de mocidade da minha vó, era uma sujeição coroada. Para a entrevistada Paula reconhecer essa submissão é uma reflexão árdua,

E na questão do marido, eu me vejo assim, tipo, como se fosse uma mulher submissa, entendeu? Hoje em dia eu já enxergo porque antigamente, eu não enxergava. No começo eu não enxergava a



relação assim, que não é uma coisa saudável. [...] É um gostar, que não é um gostar normal. [...], mas, também, eu vejo que eu também tenho a minha parcela de culpa, entendeu, porque eu fui errada em aceitar muitas coisas, deveria ter cortado desde do início. Hoje com o quê, dezessete anos, vai fazer dezoito anos já, né, que eu estou casada, mas eu não considero um bom casamento, entendeu, e também não sei por que eu estou ainda nesse casamento (Paula, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

A fala de Paula me fez refletir acerca da minha experiência no processo conjugal. Estar no lugar de submissa numa relação a dois, marcada hierarquicamente pelo poder do homem, nos paralisa. Por mais que saibamos que este não é mais o nosso lugar, identificar o abuso, o assédio, a violência psicológica e física não é o bastante. No tocante ao meu processo, busquei muitas vezes a solução através da fé, da minha religiosidade, porém não obtive o amparo necessário para solucionar o problema citado nos espaços religiosos que frequentei na minha trajetória.

Minha maior participação na igreja católica iniciou quando fui morar em Jenipapo, local onde fiquei por quatro anos. Durante esse período, comecei a frequentar a pequena igreja São José, a única igreja católica da comunidade. A partir das minhas visitas à igreja, fui conhecendo os (as) moradores (as) e fazendo amizades. Com o passar do tempo, comecei a participar das atividades internas da igreja, perpassando pela organização das celebrações e da limpeza do templo. Através dessa experiência, tive contato direto com a parte burocrática da igreja, alcançando uma interpretação sobre as dinâmicas internas e administrativas. Também nesse período, ministrei o curso de formação para primeira eucaristia dando aula de catequese para uma turma de crianças na 1ª etapa. Durante a infância, meu filho participou de atividades na igreja católica, sendo algumas, inclusive, conduzidas por mim. Para Leila e Paula, a igreja constitui-se como um local para expressar a fé e de refúgio diante dos problemas vivenciados. Para Leila,

A igreja em si é o templo, é aonde você encontra um abrigo na sua vida, de você se refugiar, buscar Deus, através da fé. Então a igreja pra mim é o centro, é principal, além de afastar coisas ruins de sua vida, [...]. (Leila, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Para Paula,

A igreja, assim, além do lugar que eu vejo como tá representada a imagem de Jesus, é o lugar que eu vou pra tipo assim, pra voltar aliviada, recarregada. [...] é como se fosse um refúgio, mas não é a



palavra certa, refúgio, entendeu, [...], ultimamente é o único lugar que eu mais vou, é a igreja (Paula, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

As falas das entrevistadas enfatizam o significado que a igreja católica possui para elas. Porém, penso que se a igreja não fosse uma instituição patriarcal que se omite e legitima a opressão das mulheres, poderíamos sair desse amparo superficial através da fé e da oração. Abraçar essas frentes tornaria possível avançar no combate às diversas formas de violência sofridas pelas mulheres, já que, muitas vítimas buscam na igreja de alguma forma esse amparo. Para Nunes e Citeli (2010),

[...] as religiões patriarcais tendem a legitimar a subserviência das mulheres associando-as ao mal, ao desviante, à desordem e à fraqueza moral, deixando-as à mercê de punições apregoadas como "naturais". Os debates sobre sexualidade e reprodução também reiteram essas características desvalorizadoras e, em decorrência, corroboram as duras punições impostas pelo catolicismo às mulheres. (NUNES; CITELI, 2010, p. 7).

Pensando no local de "refúgio", "auxílio" e "proteção dessas mulheres", qual o posicionamento das instituições religiosas (Igreja Católica) frequentadas pelo público feminino que sofrem diversos tipos de violência? Como o público feminino é ouvido ao pedir ajuda à direção espiritual da igreja?

As igrejas compactuam com a reprodução e manutenção dos mitos e da violência contra as mulheres no momento em que se tornam cúmplices da cultura do silêncio e da omissão, recusando-se a denunciar os atos de violência e seus autores, além das estruturas institucionais e sociais injustas que perpetuam essa prática (KROB, 2014, p. 212).

Se a Igreja Católica é estruturada dentro de uma sociedade patriarcal não me parece ser a melhor opção, procurar a igreja para resolver a violência sofrida pelas mulheres, porém, ainda assim, as mulheres recorrem às práticas religiosas como forma de amenizar o sofrimento. Ainda mais, quando a própria mulher religiosa entende que este não é o papel da igreja. Quando perguntadas sobre em qual momento da sua vida a igreja serviu como auxílio/amparo, as entrevistadas se confundiam entre acreditar no refúgio através da fé e no receio em compartilhar e expor questões muito delicadas para elas. Para a entrevistada Leila, esta busca se deu justamente no contexto do casamento.

Sim, no momento do meu casamento, nos momentos difíceis, de brigas, discussões, ali eu me refugiava na fé. [...] no momento que você tá só, no momento que você ver as dificuldades, no momento que você não tem com quem compartilhar e as vezes nem deve, nem pode compartilhar, você só tem que buscar ali, na fé, na palavra. [...] aí a fé



ali, me elevava e acalmava o meu coração, através do choro, através da angústia de você chorar, eu senti Deus ali, tá com você através da fé. Isso era eu e Deus na igreja, não compartilhava com ninguém. (Leila, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Para a entrevistada Maria, a busca no amparo da igreja também se baseia na fé, segundo ela

A minha vida inteira, porque a agente é de família católica, eu estudei em colégio de freira, depois fui estudar em colégio Batista, mas todos tinham a religião como base né? A gente quando tem religião, nos momentos difíceis, acho que a gente enfrenta melhor porque todo mundo tem problema, né? Uns mais, outros menos, a vida não é só de alegria e felicidade, tem momentos bons e momentos ruins, então, eu acho que ajuda a gente a enfrentar os problemas na vida (Maria, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

A entrevistada Paula trata o tema da seguinte forma

Teve vários momentos da minha vida que a religião serviu como amparo, mas assim, principalmente quando pai morreu, a gente já frequentava, mas a gente passou a frequentar mais, entendeu? Em momentos difíceis, porque as vezes a gente se vê em casa num momento assim, difícil que as vezes não tem nem vontade de sair de casa, e quando a gente vai na igreja, a gente ver que pode ter aquela fé de ir lá, fazer uma oração e voltar recarregada (Paula, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Ao ser questionada sobre a existência de rede de apoio na comunidade com o propósito de fortalecer os direitos das mulheres, Paula afirma que não há, mas considera uma fragilidade da igreja,

Era uma coisa que eu acho que deveria partir da igreja, entendeu, na igreja deveria ter alguma coisa assim que fosse voltada para esse assunto. O último padre que estava aí, ele tinha até uma abertura. No caso da separação de uma amiga, ele apoiou, porque a igreja condena a separação. Mas, nesse caso a pessoa conversou com ele explicou tudo, falou das traições e o padre tinha uma abertura melhor para essas questões. Aqui na comunidade não tem esse apoio não, tinha em Ubaíra, mas acho que não tem mais (Paula, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra/BA).

A afirmativa de Paula me faz pensar que a mulher fica à mercê da sorte ou do azar de um líder religioso que tenha uma formação pautada no respeito à vida das mulheres. Além disso, as falas das entrevistadas, trazem à tona, mais uma questão: por qual razão a igreja acaba sendo o "porto seguro" para muitas mulheres? Para Krob (2014),

A igreja geralmente passa a ser o refúgio, o local onde a mulher que sofre violência busca auxílio e acolhimento. Isso se deve, primeiramente, ao fato de que é o espaço permitido a ela pelo homem que a agride. Outro fator relevante é que este espaço religioso e



seus/suas líderes são considerados/as sagrados/as, livres de sentimentos profanos. No entanto, não podemos esquecer que as instituições religiosas e suas representantes estão inseridos/as no sistema patriarcal, e suas políticas, ideologias e atitudes contribuem, na maioria das vezes, para a manutenção desta organização (KROB, 2014, p. 213).

A conquista de direitos pelas mulheres e o debate social visando superar a desigualdade de gênero são fenômenos muito recentes na sociedade, de maneira que ainda existe uma grande proporção de mulheres despolitizadas, submissas e sobrecarregadas. O machismo continua imperando sob o modelo de sociedade patriarcal. Sobre esta pauta, as entrevistadas argumentam que é uma situação alarmante até os dias de hoje. Para Leila, o machismo é:

uma essa pessoa que nasceu sem amor, né, como as vezes a gente diz assim, a gente tem que saber no ser humano, o proceder daquilo ali, por que, que ele se tornou aquilo ali? [...] Porque uma pessoa machista, eu acho que ele teve alguma contribuição na sua adolescência na sua juventude, de, ou, um pai muito abusivo na forma de criar, né, ou batia muito, ou ele teve até abuso dentro da comunidade [...], mas eu creio que o machismo vem disso aí. É um problema né, porque a pessoa machista ela vai se opor a muitas coisas. Ela tem um olhar diferente de um ser humano normal [...] (Leila, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Já para Paula, o machismo é

Eu penso quando eu ouço a palavra machismo, naqueles homens que quer mandar nas mulheres, que quer mandar nas filhas, né, que acha que a mulher não pode fazer nada que só eles que é homem, que pode, né. [...], eu acho que o machismo deveria ser considerado um crime, um homem machista deveria ser um criminoso, considerado um criminoso, porque essa atitude de machismo, as vezes machuca muito as mulheres, é uma agressão. (Paula, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Já Maria argumenta,

Isso é uma coisa que infelizmente tá enraizado na sociedade e por mais que diga que não tem, existe né, é uma coisa secular, acho que desde do tempo do início, né, infelizmente. E a gente pensa que é só de gente ignorante, mas não é não, tem gente que é instruído e é, infelizmente. Eu acho que quem vive com a pessoa assim, se pudesse se livrar seria ótimo, né, mas nem sempre pode. Se livrar assim, procurar outro lugar pra viver, se distanciar né, mas nem sempre é possível né (Maria, entrevistada de Jenipapo/Ubaíra-BA).

Para as entrevistadas, o machismo é uma problemática presente que fere as relações entre homens e mulheres. Em decorrência do sistema patriarcal as mulheres continuam tendo vasta jornada de trabalho e sendo menos remuneradas que os homens. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional



por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019 desenvolvida pelo Tribunal Superior do Trabalho, a desigualdade salarial entre homens e mulheres ainda é alarmante, denunciando explicitamente a discriminação de gênero no mundo do trabalho. O rendimento das mulheres representa em média 77,7% do rendimento dos homens, sendo ainda mais gritante sobre os grupos que ocupam os cargos de direção e gerência, esses, alcançam a proporção de 61,9% em relação ao rendimento dos homens. As mulheres além de possuírem uma renda média inferior à dos homens, também são mais afetadas pelo desemprego. A taxa de desocupação entre as mulheres é de 14,1%, enquanto a dos homens é 9,6% (TST, 2023).

Destaco também a maternidade, questão delicada na vida das mulheres que enfrentam inúmeros desafios relacionados à desigualdade de gênero e suas implicações. Ter acesso aos contraceptivos podendo escolher sobre o direito à maternidade, foi um avanço necessário para a autonomia da mulher, porém, se pensado em outra perspectiva, quem vai ter que escolher entre almejar uma profissão, uma carreira sólida e bem-sucedida em troca da maternidade? Essa dúvida e escolha é um peso atribuído apenas as mulheres, o homem não tem esse tipo de questionamento, a maioria, não saberá compreender os emaranhados de sentimentos que perpassa na cabeça das mulheres que tem o desejo de ser mães e, ao mesmo tempo, ser bem-sucedidas profissionalmente, pois sabemos que essa realidade é minoria na sociedade.

Na trajetória de vida de vó Chôcha, por exemplo, a violência doméstica decorrente do machismo resultou em muitos problemas afetando toda a família. Meu avô materno era alcoólatra, quando chegava bêbado em casa quebrava tudo e queria bater em todos (as). Na entrevista perguntei às minhas tias sobre os tipos de violência sofrida por minha vó em decorrência da bebida do meu avô, perguntei se ele a violentava fisicamente, tia Eliene respondeu que não:

Só na cachaça que ele corria atrás de todo mundo com facão, espingarda, mas nunca chegou a bater em ninguém não. A gente que tinha medo, eu mesma já passei foi dias em uma roça de mandioca mais José meu irmão por causa da cachaça dele (Eliene, 56 anos, entrevistada da família).

A narrativa de tia Eliene, mostra a presença do medo no ambiente familiar. O medo vinculado diretamente a um comportamento dominador, controlador que utiliza o álcool como justificativa para extravasar comportamentos violentos que



deixam marcas profundas nas pessoas a eles submetidas. Tia Luciene em conversa com Tia Eliene, me contou:

Tu lembra, Eliene, de Zé Preto contar que uma vez ele quase mata mãe comigo ainda bebê nos braços". Tia Eliene concluiu dizendo: "a gente que não dava mole, se esperasse morria mesmo". Luciene completou falando: "na hora ele matava, depois ele ia se arrepender, mas na hora ele matava. Se endoidava, se esperasse bater, ele batia, se esperasse matar, ele matava.

Para as minhas tias, era o álcool ou alguma provocação que fazia o meu avô "endoidar", mas é sabido que a violência doméstica é uma mazela estrutural presente na sociedade brasileira. Muito ainda tem que ser feito para quebrar os ciclos de violência que atingiram a minha avó, a minha mãe e as minhas tias, vítimas do meu avô. Essa violência chegou até mim quando vivi um relacionamento, no qual as violências foram presentes. Refletindo acerca dessa dura realidade vivida pelas minhas avós e ainda concordando com Lerner existe uma apropriação sexual e reprodutiva das mulheres pelos homens.

A mulher é submissa ao homem porque assim foi criada por Deus. [...] Eles argumentam que, se a mulher foi atribuída, por planejamento divino, uma função biológica diferente da do homem, a ela também devem ser atribuídas diferentes tarefas sociais. Se Deus ou a natureza criaram diferença entre os sexos, que, em consequência, determinaria a divisão sexual do trabalho, ninguém pode ser culpado pela desigualdade sexual e pela dominação masculina. (LERNER, 2019, p. 42, 43).

A submissão das mulheres "determinada pelo criador" como aponta a autora, atravessou a vida das minhas avós, causando-lhes dores e sofrimentos decorrentes do difícil convívio com os companheiros. No caso delas, recorriam aos caminhos religiosos na tentativa de amenizar as violências recorrentes no âmbito familiar. A fé era a principal motivação para enfrentar os dias difíceis ao longo de suas vidas. Vovó Chôcha, era devota de São Crispim e Crispiniano por ter tido gêmeos falecidos. Todo ano dia 29 de agosto², rezava para os santos devotos, cumprindo o compromisso firmado por ela. A reza acontecia sempre no período da noite, com a presença de muitas mulheres e crianças. Minhas avós

² O dia que se comemora a festa dos santos Crispim e Crispiniano é 25 de outubro. Minha vó Maria fazia sua reza dia 29 de agosto porque na comunidade de Baixa Funda Município de Mairi-BA outras famílias rezavam para os mesmos santos, como era uma comunidade pequena na zona rural, não faziam as rezas no mesmo dia para que todos pudessem prestigiar cada reza.



eram religiosas seguidoras do catolicismo, porém, a expressão da fé de vovó Chôcha trazia símbolos de religiões de matriz africana (figura 05).

Figura 05. Representação das minhas avós no âmbito religioso – do lado esquerdo vovó Morena praticante do catolicismo, do lado direito vovó Chôcha seguidora dos ritos da religião de Matriz Africana.



Fonte: OLIVEIRA, S. (2022).

Para Rosendahl (2012),

Na escala do lugar, a construção do espaço sagrado e sua área de abrangência são demarcadas pelos itinerários simbólicos, pelos lugares em que ocorrem as práticas devocionais e pelos espaços das atividades religiosas. É necessário lembrar que o lugar favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto (ROSENDAHL, 2012, p. 26).

Diante do exposto, a pesquisa evidenciou que a manutenção do vínculo com a igreja católica não possibilitou às mulheres citadas na pesquisa alcançar mudanças significativas em suas vidas, no sentido de rompimento com os processos de submissão e violência que vivenciam em seus lares. A pesquisa demonstrou que ainda há uma omissão muito grande por parte da igreja católica para enfrentar pautas como a violência doméstica, logo, esse espaço



frequentado pelas entrevistadas e pelas minhas avós no passado, em busca de amparo e proteção, não cumpre com o papel de emancipação da mulher frente ao sistema patriarcal, até porque, a religião em pauta é fundada e alimentada pelo patriarcado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos que propiciaram pensar esta pesquisa se unem às variadas teorias que busquei para organizar as minhas ideias e o meu trabalho. Para tanto, dialoguei aqui com autores/as da Geografia que caminham na perspectiva de uma ciência mais humana, flexível e poética, assim como tentei estabelecer um debate com autores/as de outras áreas do pensamento científico que me permitiram falar aqui sobre ser mulher e ser mulher religiosa no contexto de uma sociedade patriarcal. Este trabalho se aproxima, então, das discussões da Geografia da Religião, a partir da interpretação do sagrado, no contexto da vivência, da percepção e do simbolismo. Para tanto, o Lugar tornou possível a minha interpretação a partir das memórias, da narrativa e das experiências e, em meio, a isso, a questão da mulher, da igreja e do patriarcado.

A partir da minha inserção na igreja católica, eu percebia que quando estava lá, tudo o que acontecia no momento daquelas trocas com outras mulheres era proveitoso. E, assim, as entrevistadas também entendem o estar na igreja. Para elas, é difícil identificar as fragilidades desse espaço sagrado. Em algumas perguntas, quando se viam mais pressionadas sobre a ausência da igreja na formação de grupo de mulheres no sentido de acolher contra a violência doméstica, era possível perceber o despertar de uma reflexão nova, porque elas não creditam à igreja esse papel de acolhimento e luta pelos direitos das mulheres. Há uma fragilidade de criticidade frente a religião que seguem. A ausência desse olhar crítico impede as mulheres entrevistadas de enxergar a igreja católica, enquanto instituição que integra as relações sociais na comunidade, como agente ativo para a transformação de uma realidade permeada por diversos problemas sociais e falta de organização coletiva.

Dito isso, é importante ampliar pesquisas que apontem e provoquem discussões relacionadas às temáticas de gênero nos espaços religiosos com o objetivo de tornar esses espaços mais potentes e acolhedores frente às violências sofridas pelas mulheres que buscam na religião amparo psicológico



por meio da fé. Além disso, faz-se necessário evidenciar omissões das instituições religiosas que por meio dessa prática contribuem para o fortalecimento e manutenção da estrutura patriarcal.

REFERÊNCIAS

- ASSARITTI, Dolores. A educação do corpo na escola em narrativas do cotidiano. 2015. 247f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – Campinas - SP, 2015.
- CLAVAL, Paul. Le theme de la religion dans les etudes géographiques. Université de Paris-IV. **Géographie et cultures**, n.2, 1992.
- CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José. F. Rosado. Violência simbólica: a outra face das religiões. **Cadernos Católicas pelo Direito de Decidir**. Vol./No. 14. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2010.
- GOUVEIA, Gualberto Luiz Nunes. A Cidadania dos Despossuídos - Segregação e Pentecostalismo. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, Depto. de Geografia, 1993.
- JUSTIÇA DO TRABALHO. **Desigualdade salarial entre homens e mulheres evidencia discriminação de gênero no mercado de trabalho**. Tribunal Superior do trabalho. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/-/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-evidencia-discriminacao-de-genero-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em 30 de ago de 2023.
- KROB, Daniéli Busanello. A Igreja e a Violência doméstica contra as Mulheres. In: Congresso Internacional da Faculdade EST, 2., 2014, São Leopoldo. **Anais eletrônicos [...]** disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/221>. Acesso 24 de abr 2022.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.
- RELPH, E. As Bases Fenomenológicas da Geografia, Vol. 4, N. 7, p. 1-25. Rio Claro: UNESP, abril de 1979.
- ROSENDAHL, Zeny. História, Teoria e Método em Geografia da Religião. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n. 31, p. 24-39, UERJ, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6121>. Acesso: 24 ago. 2022.
- SANTOS, Alberto Pereira dos. Introdução à Geografia das Religiões. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 11, p. 21-33, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123639/119854>. Acesso: 24 de ago 2022.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- TUAN, Yu Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

